

# Previdência *na ordem do dia*



**Tiago Novaes Villas-Bôas**  
Administrador de empresas com atuação no mercado de capitais

Talvez não exista assunto no Brasil que esteja tanto na ordem do dia quanto o tema da previdência pública. Não se trata de uma agenda apenas por aqui, o impacto das aposentadorias no orçamento dos países, seja por altos benefícios, pelo aumento na expectativa de vida ou ainda pela mudança demográfica (maior parcela de idosos na população), traz a necessidade da reforma desse sistema.

A urgência da reforma da previdência é algo que parece inequívoco, basta olhar para os números das contas públicas e para as diversas estatísticas. O gasto com previdência no Brasil é um dos mais generosos do mundo se compararmos % do PIB gasto com previdência x idade média da população, e caso não tratemos este problema poderemos vir a ter um colapso na saúde, educação e segurança, inviabilizando o papel do estado como prestador de serviço público para população.

Em 2004, o teto da aposentadoria pelo regime de repartição simples, excluindo o funcionalismo público, era de 10 salários, hoje está em 6 salários, dificilmente alcançado em função da aplicação do fator previdenciário. As discussões sobre o assunto apontam na direção que caberá a cada cidadão fazer a sua poupança previdenciária, complementar à oferecida pelo Poder

Público, que permita obter uma renda suficiente para enfrentar os desafios da Terceira Idade.

Hoje, menos de 10% da população brasileira possui algum tipo de plano de previdência complementar, sendo que a maioria opta por contratar os “planos abertos de previdência”, modalidade oferecida por bancos e seguradoras, a exemplo do PGBL e VGBL. As provisões deste tipo de plano somam 817 bilhões, que, se agre-

**Hoje, menos de 10% da população brasileira possui algum tipo de plano de previdência complementar.**

gado ao patrimônio das EFPCs (Entidades fechadas de previdência complementar), planos que são oferecidos pelas empresas, corporações e associações a seus empregados/associados, atingem a cifra de 1,7 trilhão em poupança previdenciária, o que equivale a algo como 24% do PIB, percentual ainda baixo se comparado a países com características demográficas semelhantes às nossas.

Outro dado importante a ser analisado é, quanto do valor aportado nos planos de previdência privada é realmente destinado à poupança de longo prazo? Um

contingente não desprezível ainda aplica nesta modalidade de produto como se fosse um investimento convencional, para uso diário. Talvez por pouco entendimento, orientação equivocada, ou ainda por falta de um incentivo regulatório mais adequado.

Alguns investidores questionam se vale a pena participar de planos oferecidos no mercado ou realizar a própria gestão do patrimônio. Entendo que é vantajoso contratar um plano de previdência. Primeiro, para ter acesso a um profissional qualificado à frente da gestão do recurso, agregando rentabilidade; depois, os investimentos previdenciários possuem uma “roupagem fiscal” que permite reduzir gradualmente o pagamento de IR, caso o recurso permaneça a longo prazo investido. E vale mencionar também a questão do incentivo à disciplina financeira, visto que o valor aplicado na previdência fica segregado dos recursos a serem utilizados no dia a dia, inibindo seu uso.

Ainda existem alguns investidores que externam dúvidas com relação à segurança dos planos, entretanto a arquitetura atual dos produtos de previdência, com a segregação contábil/patrimonial, CNPJ por plano e

uma legislação robusta, trouxe bastante transparência e segurança. Resta entretanto aos participantes analisar os riscos inerentes à um investimento financeiro.

Se nos detivermos as variáveis que influenciam no sucesso da poupança previdenciária, chegaremos a três itens principais: o valor investido, seja através das contribuições mensais e/ou dos aportes extras (depende do fluxo de caixa de cada investidor); a remuneração do investimento previdenciário, daí a grande importância da escolha de uma gestora e de um produto de qualidade; e o horizonte de tempo, sendo que quanto mais jovem iniciar, melhor, pois contará com a ajuda dos rendimentos para compor o saldo de aposentadoria. Podemos dizer que cabe ao participante e seu consultor montar uma estratégia própria, considerando o prazo para aposentadoria, apetite a risco e disponibilidade financeira.

Um ponto que chama atenção e requer ser endereçado é acerca do correto entendimento dos participantes sobre as características e coberturas dos planos de previdência, pois existem ainda muitas dúvidas neste sentido. Uma venda consultiva, transparente e tecnicamente bem-feita ajuda muito na compreensão do produto que está sendo comercializado. Por fim, gostaria de ressaltar a importância da utilização do simulador de aposentadoria de forma periódica pelo participante (e não apenas no momento da compra), visto que as premissas como juros, longevidade e data de aposentadoria podem se alterar ao longo do tempo e impactar diretamente no valor do benefício. As simulações constantes permitem que o participante tenha a clara noção de como está o seu “plano de voo” rumo a aposentadoria e faça os ajustes necessários enquanto há tempo. ■

